**Educação musical e gênero:**

**uma construção epistemológica interdisciplinar na visão do MUCGES**

**Comunicação**

Harue Tanaka

Universidade Federal da Paraíba

e-mail: <hau-tanaka@hotmail.com>

**Resumo:** O cerne da presente comunicação trata da trajetória do grupo de pesquisa interdisciplinar MUCGES (Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde) e discutir seus desafios metodológicos. O intuito primeiro concentra-se, portanto, em transversalizar e gerar uma visão mais ampla sobre o fenômeno da aprendizagem musical, principalmente, no tocante à participação de mulheres aprendizes, a partir do estudo sobre as interfaces entre as áreas supracitadas, gerando instrumentos metodológicos e de aprofundamento no conhecimento sobre os processos de ensino e aprendizagem musicais. Afinal, há uma gritante carência em discussões de cunho interdisciplinar, nessa área, mormente quando se trata de lidar com as áreas da educação musical e de gênero. Em 2016, a criação do MUCGES já foi aventada no encontro do Fórum Latino-americano de Educação Musical (Argentina); além de terem sido discutidos, no encontro da Abem Regional Nordeste (Teresina-PI), os planos de estudo e ações que fomentam a construção do perfil interdisciplinar sob um ponto de vista epistemológico, objetivando a manutenção das propostas iniciais do grupo. Nesse momento, folgamos em continuar a discutir a trajetória do referido grupo, seus principais desafios, principalmente, no tocante ao objeto de estudo e início do ingresso no campo de pesquisa, ou seja, a construção epistemológica sobre as diretrizes da metodologia adotada de modo interdisciplinar pelo grupo em evidência.

Palavras chave: MUCGES; mulheres músicas; interdisciplinaridade; gênero e música.

**Introdução**

O grupo de pesquisa interdisciplinar MUCGES (Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde), atualmente, conta com 4 tutoras/orientadoras (1 doutora em educação musical, duas em educação e 1 em currículo, ensino e política educacional), 09 alunos/as de graduação/pós-graduação. Encontra-se na fase de preparação dos seus integrantes para adentrar no campo de pesquisa (ênfase na metodologia da etnografia). Na fase inicial do processo, um dos grandes desafios esteve relacionado à formação do grupo, a fim de angariar adeptos/as a compô-lo. Foi necessária a localização de alunos/as que estivessem interessados/as na proposta de estudo do grupo e que estivessem voltados/as a atender os objetivos e aderir aos planos de estudo/ação propostos pelas orientadoras. De fato, tentamos localizar primordialmente pessoas que estivessem ligadas ao campo da música (e subáreas, tais como: etnomusicologia, educação musical, performance musical, composição, entre outras). Em segundo lugar, xs alunxs deveriam possuir interesse em estudar e aprender sobre a teorização de gênero, visto que, principalmente, essa categoria afirma-se como uma potencial intersecção entre as transversalidades desses campos interdisciplinares, que ainda apresentam grande carência em termos de produção de conhecimento. Segundo Del Ben apud Bellochio (2003, p. 45-46, grifos nossos), a educação musical vem apontando para futuras pesquisas no sentido de:

(1) aprender a ampliar nossos horizontes sem perder nosso foco de atenção, isto é, nosso objeto de estudo, em suas *múltiplas configurações*; (2) aproximar a pesquisa com o mundo real, com o mundo vivido; (3) aproximar as pessoas que habitam o mundo real com os resultados de pesquisas e de conhecimentos por elas gerados; (4) enfrentar o desafio de buscarmos *novas formas* de contar as pesquisas, de relatar, divulgar *e utilizar seus achados e suas conclusões e recomendações*.

Nesse sentido, o grupo vem procurando encampar as seguintes linhas: a) Estudos etnomusicológicos interligados às categorias de gênero e música (metodologia da história oral e/ou etnografia; com aporte também nos trabalhos de feministas e/ou etnomusicólogxs); b) Construção e reflexão em torno de metodologias não convencionais frente ao ensino-aprendizagem tradicional de música; c) Música, educação, corpo, empoderamento e saúde, dentre outros.

Além disso, pretendemos nos espaços de convergência de tais linhas, pesquisar os/as atores/atrizes social(is) do grupo Coco do Ipiranga e a coquista Vó Mera (do bairro do Rangel que passou a habitar na própria associação cultural que leva seu nome, recentemente inaugurada). Ambos os perfis dão indícios de que estamos diante de um “matriarcado musical” dentro de suas respectivas comunidades. Tais aspectos fazem com que a etnografia (BONETTI; FLEISCHER, 2007), seja a metodologia com a qual a pesquisa de campo, nesse âmbito, detenha a maior aproximação e afinidade, ou seja, com as mulheres dessa manifestação cultural. Não se trata apenas de observação simples, o MUCGES pretende um contato intersubjetivo, a fim de garantir uma maior imersão na cultura do coco, para aprender suas formas de organização e seus sistemas de significados culturais, experiência como a vivenciada por Tanaka (2009) e Tanaka Sorrentino (2012). Nessa perspectiva a intenção principal é uma aproximação estreita com o mundo real, o mundo vivido pelo grupo (DEL BEN apud BELLOCHIO, 2003, p. 45). Nossa experiência tem demonstrado que as etnografias falam com maior profundidade sobre os fenômenos pesquisados, dentre eles o musical, exatamente porque a (con)vivência com os/as atores/atrizes sociais traz uma compreensão, por conseguinte, uma transparência sobre a verdade que permeia as proposições analisadas. Em última análise, pretendemos explicitar alguns dos textos e ações nessa primeira etapa de configuração do perfil dos/as alunos/as ingressos/as no grupo, visto que 60% nunca teve sequer contato com textos distintos de sua área de estudo, como ocorre com os estudos de gênero, por exemplo.

**Grupo em andamento: pensando os rumos da pesquisa**

O intuito maior da presente comunicação está relacionado ao andamento das atividades/planos de ação do MUCGES, no sentido de servir como exemplo a uma tentativa de ampliar os contornos da pesquisa em educação musical, em um pretenso molde interdisciplinar. Estamos nos referindo à pesquisa em educação musical como geradora de possíveis mudanças concretas e significativas nos modelos didático-pedagógicos e metodológicos, como já nos foi proposto por áreas afins e pela própria. Para tal, demarcamos o momento da criação do MUCGES, a partir do que foi aventado no encontro do Fórum Latino-americano de Educação Musical (FLADEM, 2016), bem como no encontro da ABEM Regional Nordeste (2016). Nesse, apresentamos de que modo foram gestadas e efetivadas algumas das ideias que contribuíram para a criação do grupo e da intenção de tal iniciativa.

Trata-se de uma tentativa de reunir de modo interdisciplinar outras áreas do conhecimento com subáreas da música (educação musical, etnomusicologia, musicologia, etc.), a fim de fomentar a pesquisa científica. (TANAKA, 2016, p. 1)

Uma das carências de nossa área consiste nas discussões sobre a participação da música (feminino de músico) e de modo geral da relação das teorias/estudos de gênero com a música, um olhar até certo ponto bastante complexo, já que pouco estudada por nossa área. Isso ocorre, em um momento político em que ainda presenciamos cenas em que mulheres empoderadas, inclusive, politicamente, sejam convidadas a ocupar cargos de segunda ordem, porque são muito “aguerridas ou se impõem em demasia” para estarem, por exemplo, como diretoras ou presidentes de determinada instituição. De fato, há um forte aporte na questão do “ser mulher”, ainda pouco discutido nos espaços que exigem a performance como tônica, seja aqui ou alhures. Ainda mais, quando percebemos que a questão da educação perpassa pela crença da autoeficácia (ou poderíamos dizer, muitas vezes, pela falta dela) e mesmo da opressão de algumas mulheres sobre outras, exercendo um poder simbólico (BORDIEU, 2007) através de uma pretensa superioridade provinda da questão do saber. Estamos falando, em linhas gerais, de situações que atingem, inclusive, a área de educação musical e da performance, apesar de pouco serem mencionadas as questões de gênero ou sequer serem apontadas, ao se falar dos estudos em pesquisa musical. Sendo assim demarcamos como um dos pontos de partida “o fato de que, ao mesmo tempo em que se reconhece o importante papel da música na sociedade, se estabelece a invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre música” (ROSA et al., 2013, p. 1).

Destarte, o grupo criou algumas diretrizes para o andamento de seus estudos/pesquisas, a saber: conhecer as mulheres de dada cultura popular (performance) e sua relação com o fazer musical, sobre a transmissão do conhecimento e inclusão de novos integrantes; sobre as benesses que a prática musical pode propiciar ou propicia; possibilidades ou potencialidades músico-pedagógicos, voltadas à subjetividade de suas participantes (autoestima, motivações, empoderamento, visibilidade, papeis sociais, etc.), dentre outros aspectos; ou mesmo, sobre a invisibilidade das mulheres no âmbito composicional musical.

Nesse momento, entendemos que estudar duas manifestações (não mais um grupo como antes mencionamos, em outros eventos acadêmicos) do universo do coco, com perfis diversificados, seria enriquecedor para nossas observações. Portanto, além do grupo da comunidade quilombola do Novo Quilombo do Ipiranga (região do Guruji) – Ana do Guruji –; escolhemos o grupo da cirandeira/coquista Vó Mera (composto pela matriarca, suas filhas e netas, tendo como produtora, relações públicas e administradora do grupo uma de suas filhas, Mônica). A escolha por esses grupos está diretamente ligada à necessidade de se discutir em sala de aula questões que não só digam respeito à música, de modo isolado. Para que entendamos que o aprendizado musical não se restringe à música unicamente, mas perpassa pelo aprendizado também educativo e de uma construção sobre o entendimento da história, condizente com a formação da mulher cidadã, como propugna a lei 11.645/2008 que versa sobre a inclusão da diversidade cultural e da história brasileira nas escolas. Para além da área de educação musical, percebemos movimentos nos entornos das escolas públicas sobre a inserção, inclusive, de ações afirmativas em que se utilizava do chamado “encontros de saberes” (ENABET, 2017). Nesses, as comunidades escolares começam a ter acesso ao conhecimento sobre a cultura de seu próprio povo, numa relação intercambial entre os mestres e as mestras da cultura popular de seus respectivos estados. Salientamos, todavia, que esse movimento já ocorria, de modo tacanho e pontual, mas que, agora, vem para ocupar alguns espaços dentro das escolas, e mesmo nas universidades.

Nesse esteio, o MUCGES surgiu para observar, analisar e implementar propostas pedagógicas no campo do ensino e aprendizagem musical, tomando como foco grupo(s) de mulheres que tocam, cantam e/ou dançam e compõem e que podem ser encontrados fora do âmbito escolar. Temos como um dos pontos de partida para a criação do grupo, a participação de mulheres (também, pesquisadoras/professoras) que buscavam no aprendizado musical formas de interação e fortalecimento do universo feminino (uma vez que, a proposta inicial era levar mulheres a “tocar um instrumento”). A maioria das mulheres que ingressam em batuques e baques (maracatus) femininos está em busca de um *locus* de aprendizagem musical que, não necessariamente, esteja ligado a instituições de ensino musical; outra parcela, para dar vasão a uma necessidade provinda muitas vezes do encantamento e prazer do ato de tocar/cantar/criar. E que, muitas vezes, por questões pessoais e de história de vida não tiveram a oportunidade para tal e, acabam encontrando nesses espaços que, por vezes, funcionam nas dependências de uma universidade pública, a chance de aprenderem a tocar[[1]](#footnote-1). Esses espaços vêm abarcando várias estudantes e/ou profissionais de diversas áreas (psicologia, educação, arte-educação, música, etc.) das mais diversas idades, classe sociais e etnias (demarcadores sociais). Outros grupos femininos no mundo da música têm demonstrado um maior cunho de militância feminista/política, a exemplo do Coco das Manas (João Pessoa/PB) ou o Sinta a liga (João Pessoa/PB), um grupo de *rappers*. Além desses, voltamos nossa atenção mais recentemente para o Maracatu Baque Mulher[[2]](#footnote-2) (movimento feminista de mulheres maracatuzeiras) que tem cerca de 21 grupos formados em diferentes estados da federação (sendo a mestra fundadora do movimento atuante desde 2008).

Assim, a partir desse encontro de pesquisadoras/professoras, músicas (algumas profissionais) ou aspirantes a tal, com ou sem formação musical escolar e uma vivência de mais de 15 anos de experiência/contato da líder do grupo MUCGES, observando/estudando manifestações da cultura popular como espaços não-escolares de aprendizagem musical, entendemos que estamos em um momento de ampliar os horizontes e as linhas de pesquisa em educação musical em uma direção interdisciplinar, dando azo para que as pesquisas comecem a se aprofundar em situações diversas de aprendizagem, possibilitando uma visão mais holística e ampla dos contextos observados.

O objetivo geral é entender como ocorrem tais processos em grupos que estejam fora da academia, a fim de interrelacionar algumas práticas observadas que possam servir de parâmetro de reflexão sobre as metodologias não convencionais no ensino tradicional de música. Ou seja, romper com os cânones do ensino chamado de modelo conservatorial que impera nos meios acadêmicos principalmente quando se trata de ensino de instrumento.

As questões que permeiam o dito “patriarcado musical” podem ser encontradas como pano de fundo tanto nas metodologias que utilizam um repertório erudito ou popular quanto ao entendimento do que é tocar um instrumento – para homens e para mulheres. Entendendo como Green mostra que as práticas musicais das mulheres e os significados musicais são marcados pelo gênero. E embora tal divisão venha sendo, aos poucos, desfeita, ainda permanece um preconceito e mesmo uma dificuldade em dividir espaços de uma metodologia e outra e de aceitar que os instrumentistas não se categorizam pelo instrumento através de um pensamento sexista e sim pela própria competência instrumental e musical.

**Interdisciplinaridade em foco: desafios para o grupo**

Destacamos que ao explicitar as categorias abarcadas pelo MUCGES (Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde), em outras comunicações, nada mencionamos sobre a categoria corpo e saúde. Isso porque ainda não tangenciamos tais áreas dentro dos delineamentos propostos incialmente. Assim, quando nos referimos à saúde voltamos mais especificamente para as categorias de música e saúde mental da mulher e suas intersubjetividades/subjetividades, as práticas de como elas aprendem e transmitem seus saberes e os impactos que podem advir dessa prática no tocante à autoestima, à visibilidade dentro da sua comunidade, dos espaços que passam a conquistar, bem como à questão do empoderamento feminino que culminam em uma mudança de papeis sociais dentro da própria comunidade na qual se insere, bem como no universo da performance musical feminina.

Quanto a gênero (categoria), atestamos que a própria área, em um de seus encontros mais expressivos (Fazendo Gênero), só a partir de sua oitava edição (2008), criou uma sessão temática própria para discutir questões referentes à música dividindo espaço com a dança. E no corrente ano, a Associação Brasileira de Etnomusicologia, também em seu oitavo encontro nacional (2017), abarcou o tema “Música, Dança, Cidadania e Participação”, demonstrando uma convergência entre teias que se tecem na interação entre áreas reflexivas de atuação artístico-musicais e coreográficas; além de uma ampliação da questão da cidadania, “em especial através das políticas de ações afirmativas – como os ‘encontros de saberes’, as reservas de vagas e a Lei n. 11.645 – voltadas para a inclusão da diversidade cultural brasileira nas escolas” (ENABET, 2017).

Salientamos, ainda, que Rosa (2015) mapeou trabalhos realizados em etnomusicologia que estivessem ligados à categoria de gênero e criticou a falta de aprofundamento quanto às formulações/explicações no tocante à inclusão das questões de gênero e suas interfaces com a música.

O sentido interdisciplinar ao qual nos referimos está intrinsecamente ligado às observações feitas, na obra supracitada sobre pesquisas em educação musical no sentido de “aprender a ampliar nossos horizontes sem perder nosso foco de atenção, isto é, nosso objeto de estudo, **em suas múltiplas configurações**” (DEL BEN apud BELLOCHIO, 2003, p. 45-46, grifo nosso). Para que não incorramos no esvaziamento das análises e uma visão desconectada com as várias configurações que atravessam os fenômenos da educação musical estudados. Sendo assim, entendemos que a fase de preparação teórica do MUCGES, para posterior ingresso na etapa subsequente desse referido processo – pesquisa de campo –, dependerá da boa elaboração de um plano de estudo para chegar com propriedade metodológica ao fenômeno a ser observado.

**Gênero e música: desafios e pioneirismos na música**

No tocante à construção de novos paradigmas, por exemplo, os próprios estudos de gênero têm demonstrado que também vêm ampliando sua visão, embora ainda sejam poucos os trabalhos que envolvam as áreas das artes (como dança e música) relacionadas a gênero.

Tanto a música como a dança não podem ser vistas isoladamente. Ambas requerem para sua compreensão, a observação de um universo que as envolve, e que inclui pessoas, corpos, instrumentos, significados estabelecidos culturalmente. A música ou a dança como um objeto genérico não existe, elas só podem ser compreendidas a partir das relações que estabelecem, entre as quais está a de gênero. [...] Procuramos, desta forma, ampliar e estabelecer diálogos entre pesquisadores(as) que se dedicam a questões voltadas à música e/ou a dança entrecortada pelas relações de gênero em diferentes âmbitos, buscando com isso estreitar relações e ampliar as discussões. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL..., 2008)

Poucos são os trabalhos localizados que mantêm um diálogo com os estudos de gênero e a música (educação musical e etnomusicologia), e quando ocorrem, são raras as pesquisas que permitem um maior trânsito de saberes entre tais campos de estudo e que discutem de modo mais aprofundado[[3]](#footnote-3). No trabalho desenvolvido por Rosa, no Feminaria Musical, a coordenadora menciona que uma das ações do grupo tem por foco partir das experiências de rua, propondo-se a trabalhar com o grupo: corpo, autoestima, afetividade, respiração, yoga, alongamento, literatura e linguagem teatral. “Trazemos para o grupo o que aprendemos na rua, com essas nossas intervenções experimentais” (ROSA, 2015). Sendo um de seus planos de ação a temática sobre “o que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos periódicos dos Programas de Pós-Graduação em Música do Brasil”. Assim, Rosa critica que a maioria da produção do conhecimento tem um referencial eurocentrado, nem sempre articulando às categorias supracitadas, ou, por exemplo, sem considerar as relações de poder no seio das comunidades e fora dela (certamente não da mesma maneira). Essa, inclusive, tem sido uma das tônicas de nossa proposta; ou seja, chegar até às observações que nos levem a discussão sobre os instrumentos simbólicos de dominação e objetos simbólicos (BOURDIEU, 2007, p. 16), existentes no interior dos grupos estudados e dos quais as pesquisadoras do MUCGES também participam. Assim, no afã de conquistar seus próprios espaços, a mulher teve que perpassar por alguns conflitos internos. Como disse Bourdieu (1999, p. 84), “o acesso ao poder, seja ele qual for, coloca as mulheres em situação de *double bind* (dupla amarração): se atuam como homens, elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da ‘feminilidade” e põe em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação”.

Talvez a citação mais lúcida que se refere à questão da necessidade de um olhar interdisciplinar, ainda que falado pela visão da História, menciona de forma crítica por algumas feministas que as pesquisas vêm mantendo:

[...] um caráter limitado porque elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais: estas minam não só o sentido da complexidade da causalidade social tal qual proposta pela história como disciplina, mas também o engajamento feminista na elaboração de análises que levam à mudança. (SCOTT, 1989, p. 5-6 apud ROSA, 2015)

A ideia gestada sobre estudar um grupo da cultura popular típica da região do Nordeste do Brasil, foi pensada por se tratar de grupo de mulheres “cantadoras” que está imbricado a uma região de resistência e luta política – comunidade quilombola –, a fim de ampliar a visão do fazer musical e de como se transmite o conhecimento que vem sendo ali passado a gerações subsequentes. Além de estarmos falando de mulheres desenvolverem uma rede de relações interpessoais, que move em seu entorno uma comunidade de mulheres, quer através da música e de suas expressões artístico-culturais, quer através do auxílio que presta a tantas mulheres que necessitam de apoio. Não apenas social e, por vezes, econômico, mas acima de tudo, político e humano, bem como no tocante ao seu empoderamento como mulher, compreensão das múltiplas identidades que possuímos (HALL, 2011), na construção da cidadania e de seus papeis sociais, na atual sociedade.

**Considerações finais**

Ao falar sobre a importância de se pesquisar, procuramos seguir as orientações da agência CNPq (2017) que compreende que a pesquisa durante a formação do estagiário como futuro professor traduz-se “pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam”. E ainda, vislumbrando “a possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador, [...] elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam”.

Aos poucos as mulheres vêm ganhando espaço, dentro da cultura popular, não apenas no que tange à performance/execução instrumental, mas também como compositoras. As publicações sobre compositoras e sua valorização ainda permanece um campo bastante amplo e aberto à pesquisa musicológica/etnomusicológica e em gênero.

Green (1997) já falava sobre o conceito de “patriarcado musical” que muito contribui sobre o conhecimento da história das práticas musicais das mulheres.

No patriarcado, os homens e as mulheres não só desempenha as *funções* práticas do gênero, como o tipo de trabalho que realizam, sem que, também, criem e negociem conjuntos de *características* marcadas pelo gênero. [...] a masculinidade se define como ativa e produtiva; comprometida com a busca do saber e, portanto, racional, inventiva, experimental, científica e tecnológica: [...] a feminilidade se define como passiva e reprodutora, voltada para a criança e os outros, portanto, cuidadora[[4]](#footnote-4). (GREEN, 1997, p. 24, tradução nossa)

A participação das mulheres cantoras (*cantantes*) ainda é maior no meio musical. Destacamos que as publicações sobre mulheres compositoras e sua visibilidade ainda é tacanha, mas vem despertando o interesse de instrumentistas e educadoras/educadoras musicais sobre, como uma das áreas além de pouco estudada ou bem raramente estimulada a mulheres em todo mundo[[5]](#footnote-5). Seja no mundo acadêmico-musical ou da cultura popular.

A edição da Sonora [Ciclo de Compositoras] em Florianópolis/SC surgiu para dar visibilidade à presença das MULHERES COMPOSITORAS no meio musical catarinense, reconhecendo e mapeando sua produção autoral. Além das apresentações das compositoras inscritas, a Mostra pretende organizar um fórum temático com reflexões sobre educação musical e gênero, acessibilidade e representatividade das composições de mulheres. (VAKINHA.COM.BR, 2017)

No momento, podemos destacar duas ações importantes sobre o andamento do grupo, a participação de alguns membros do MUCGES, na disciplina oferecida no programa de pós-graduação em educação (PPGE-UFPB) ministrado por duas de nossas tutoras/orientadoras e doutoras, intitulado “Tópicos em estudos culturais da educação – Estudos de gênero e feminismos: contribuições para a educação”. Além de mantermos nossos encontros quinzenais contamos, portanto, com um curso de extensão para os participantes do MUCGES que estão a discutir algumas das temáticas que também interessa ao grupo como um todo (metodologias e textos-base sobre teorias de gênero e feminismos). Nesse sentido, estamos a discutir o livro de duas antropólogas cujos textos foram escolhidos e organizados a partir de uma escolha entre dezenas de envios provindos de vários países (BONETTI; FLEISCHER, 2017) e que teve o intuito de desvelar etnografias vivenciadas por público jovem, inexperiente, composto por pesquisadoras. Sendo a etnografia, o método por excelência, utilizada pelas pesquisadoras do grupo, dada as próprias características das mulheres a serem pesquisadas e seus respectivos espaços de aprendizagem musical/performance, entendemos haver uma necessidade premente em conhecer tal metodologia. Além de mantermos orientação sobre a feitura dos projetos de pesquisa que abarquem (não obrigatoriamente) as categorias evidenciadas pelo grupo. Entendemos que precisamos inserir xs alunxs no universo interdisciplinar e metodológico das pesquisas, uma vez que é a partir do conhecimento sobree metodologia da pesquisa (e a pesquisa de campo) que poderemos fazer as escolhas e criar movimentos entorno que respondam às questões da pesquisa em educação musical/música, delimitando o objeto de estudo.

Por fim, atestamos que em relação à educação, música e gênero, propugnamos o que Green (1997) fala e conceitua em sua obra, por exemplo, sobre “o conceito de ‘patriarcado musical’, sendo essa uma leitura quase que obrigatória para quem pretende entender o pensamento fundante que motivou a criação do MUCGES, um dos sustentáculos de nossas discussões e preocupações dentro das pesquisas. Finalmente, entendemos que como citou Blacking (1973(2000), p. 54)[[6]](#footnote-6), “a música pode expressar atitudes sociais e processos cognitivos, mas é útil e efetivo somente quando é ouvido por ouvidos receptivos de pessoa que compartilharam ou que podem dividir, de algum modo, a cultura e experiências individuais de seus criadores”.

**Referências**

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção de pesquisa em educação musical à sua apropriação. *Boletim Informativo da Abem*, ano 6, n. 18, set. 2003.

BLACKING, John. *How musical is man?* 5. ed., Seattle: University of Washingon

Press, [1973] 2000, 116 p.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA. Site. 2017. Disponível em: <https://abetmusica.wordpress.com/> . Acesso em: 03 jun. 2017.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Tradução de Pablo Manzano. Madri: Morata, 2001a.

GOETHE, Paulo. Joana transforma vidas através do maracatu. Reportagem. Diário de Pernambuco. 2017. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2017/05/22/joana-transforma-vidas-atraves-do-maracatu/>. Acesso em: 05 jun. 2017

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Os percursos da etnomusicologia feminista nas últimas quatro décadas: uma visão de dentro por Ellen Koskoff. Resenha. *Revista Estudos Feministas*. v. 24, n. 2, maio/jun., Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-026X2016000200673>. Acesso em: 04 jun. 2017.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: D&P, 2011.

ROSA, Laila. Fora do objeto: Feminaria Musical, epistemologias marginais, experimentos sonoros, performances e militância política como produção de conhecimento em música. Palestra proferida no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, em 14/05/2015. 2015b. Slides.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; ALCANTARA, Neila; HORA, Eric; SILVA, Laurisabel; ARAUJO, Sheila; MORAES, Luciano. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil. In: *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas.* Isabel Porto Nogueira (introdução e organização), Susan Campos Fonseca (introdução e organização) – Goiânia / Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 110-137.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 2008. Grupo temático 22. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st22.html>. Acesso em: 04 jun. 2017.

SONORA – CICLO INTERNACIONAL DE COMPOSITORAS. Disponível em: <http://www.editaiseafins.com.br/2017/04/sonora-ciclo-internacional-de-compositoras/>. Acesso em: 03 jun. 2017.

TANAKA, Harue. *Diário de uma ritmista aprendiz*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_\_. Gênero, música, corpo e educação em uma comunidade feminina batuqueira: imagem e “ação!” In: ENCONTRO NACIONAL FLADEM BRASIL. 2016a, Parnaíba. Apresentação de vídeo.

\_\_\_\_\_\_. Educação musical: Interfaces com etnomusicologia, música, corpo, gênero, educação e saúde em um grupo de pesquisa. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. 13., 2016, Teresina. *Anais*... Teresina: ABEM, 2016b. Disponível em: < http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regnd2016/regnd2016/paper/view/2088>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TANAKA SORRENTINO, Harue*. Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*, 2012. Escola de Música. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. 550p. (Acompanham 2 CDs e 1 DVD).

VAKINHA.COM.BR. Site do Sonora – Ciclo Internacional de Compositoras. Florianópolis-SC. 2017. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/sonora-ciclo-internacional-de-compositoras-florianópolis-sc>. Acesso em: 04 jun. 2017.



1. Em outro evento acadêmico, discutimos sobre a questão dos instrumentos musicais e da configuração dada através do senso comum de que há instrumentos para mulher e para homem, num sentido de divisão binária tal qual ocorre dentro da visão sexista (TANAKA, 2016a). [↑](#footnote-ref-1)
2. A mestra Joana (como é conhecida no maracatu) tem sido considerada a primeira mulher da história a tornar-se mestra de um maracatu-nação (v. reportagem sobre Joana D’arc Cavalcante) (GOETHE, 2017). [↑](#footnote-ref-2)
3. Resenha sobre a etnomusicóloga feminista Ellen Koskoff, reconhecidamente como uma das pioneiras e mais prestigiadas personalidades no campo dos estudos de música e gênero, juntamente com Susan McClary (1991), Márcia Citron (1993), Suzanne Cusick (1994), para citar algumas pesquisadoras. (GOMES, 2016). [↑](#footnote-ref-3)
4. *En el patriarcado, los hombres y las mujeres no sólo desempeñan las funciones prácticas de género, como el tipo de trabajo que realicen, sino que, además, crean y negocian conjuntos de características marcadas por el gênero. [...] la masculinidade se define como activa y productiva; comprometida com la búsqueda del saber, y por tanto, racional, inventiva, experimental, científica y tecnológica; [...] la feminidad se define como passiva e reproductora; involucrada em la crianza de otros y, portanto, cuidadora*. [↑](#footnote-ref-4)
5. Como exceção, atualmente, existe um movimento intitulado Sonora: Ciclo Internacional de Compositoras, em que mulheres em todo o mundo vêm promovendo encontros (mostras musicais, saraus, debates, rodas de conversa), em 26 cidades em cinco países (Brasil, Portugal, Irlanda, Espanha, Argentina e Uruguai). No Brasil, foram contempladas as cidades de São Paulo, Natal, João Pessoa, Florianópolis, Santa Catarina, Salvador, etc.) (SONORA, 2017). [↑](#footnote-ref-5)
6. *Music can express social attitudes and cognitive processes, but it is useful and effective only when it is heard by the prepared a receptive ears of people who have shared, or can share in some way, the cultural and individual experiences of its creators* (BLACKING, 1973(2000), p. 54). [↑](#footnote-ref-6)